



ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPESES DO NORTE
N.º 13 - 2ª SÉRIE JULHO DE 1965 PREÇO: \$50

HÁ QUE OBRIGAR A JUNTA A PAGAR OS VINHOS DE 1964 HÁ QUE EXIGIR O ESCOAMENTO DA COLHEITA DE 1965

Muitos são os vinhos da colheita de 1964 entregues à J.N.V. que ainda não foram liquidados. A grande maioria dos vinhos da colheita de 1965 está nas adegas e não se vê forma de o vender. Que perspectivas têm os vinhateiros para a colheita que se aproxima?

Sobre os três aspectos acima citados do mesmo problema — a situação aflitiva dos pequenos e médios viticultores — conhecemos apenas a nota do Ministério da Economia publicada com destaque nos jornais de 22 de Janeiro e uma informação sobre «financiamento e compra de vinho» publicada no dia 2 de Fevereiro, aparte as pequenas notícias angustiantes dos correspondentes da Província, publicadas duma maneira geral em locais tão escondidos que passam despercebidas ao leitor menos atento.

Mas que dizem a nota do ministro e a informação publicadas?

Acerca das reclamações da lavoura contra o atraso da Junta na liquidação, diz-se que esta dará, de futuro, prioridade para pagamento aos pequenos lavradores e que «para ocorrer a esta dificuldade, já na intervenção do ano corrente se irá reintroduzir a prática do «financiamento» que durante anos a Junta seguiu». Responde isto à falta do integral pagamento do vinho da colheita de 1964? Claro que não. Foram entre tanto os referidos pagamentos efectuados? Os produtores que esperam por eles e sabem melhor que ninguém.

Sobre a colheita de 1965, diz o ministro: «Se for reconhecido, por um lado, que a intervenção é indispensável...» (que ingenuidade, a do ministro!). Depois, esclarece-se que a operação de financiamento é uma simples operação de empréstimo até ao máximo de 90 dias (com fiador), o qual deverá ser liquidado

a dinheiro. Dinheiro que o produtor não tem e que não terá se entretanto não vender o vinho. É a quem o vender e a que preço se a Junta limita o volume de compras e demora as tiradas num convite aberto ao especulador e ao grande negociante?

Liz-se na nota ministerial muito mais coisas, que nada adiantam para a solução do problema e que são puras tentativas de justificação governamentais. Que importa ao produtor que a Junta tenha em armazém uns tantos milhões de litros de vinho e uns tantos milhões de luros (continua na pág. 3)

BOA RESPOSTA!

Quando da reunião dos lavradores realizada aqui há tempos em São Tirso, o lavrador da região sr. Castro Lopes fez ver que tudo que a Lavoura compra é muito caro e, para desgracia da lavoura nacional e benefício da indústria, até os adubos nacionais são mais caros que os estrangeiros. E isso deve-se à protecção que o governo fascista dá à indústria, neste caso ao monopólio chamado CUF, e ao desprezo que tem pela sorte da agricultura.

Face a tais afirmações, o presidente da mesa, Dr. A. F. de Azevedo, advogado e lavrador em São Tirso, habilmente procurou justificar a atitude do governo salazarista, ao usar tais protecções, explicando que o governo faz isso para que o nosso dinheiro não saia para o estrangeiro.

Mas este «digno salazarista», que julgava estar a falar para «louras», não perdeu pela demora e, então, quando o lavrador sr. João Ribeiro de Sousa, de S. Mamede de Negre-

O ENSINO EM PORTUGAL

O governo de Salazar decretou recentemente que o ensino primário terá o prolongamento de dois anos, isto é, em vez de quatro classes passa-rão — se isso tiver lugar — a ser seis classes obrigatórias.

Para já, ainda se não pode dizer que a medida seja boa em virtude de ser só daqui a dois anos que ela entra em vigor e, por outro lado, serem só os alunos que começaram em 1964 a instrução primária, que virão a beneficiar dessa medida, no caso de ser posta em prática. Sima que confiança temos nos na palavra de um governo que perdeu o nosso crédito? Por outro lado, que critério houve no passo dado para que

os alunos das outras classes não sejam abrangidos de tal vantagem das mais duas classes, mesmo admitindo que essas venham a trazer poucas vantagens.

Sabe-se que foram os compromissos tomados para o estrangeiro que forçou o governo a tomar uma tal medida, mas este, mesmo assim, decretou para só daqui a dois anos entrar em vigor. Perante isto, voltamos a repetir: que certeza haverá de que o governo venha a cumprir tais compromissos? Um governo que sabemos de antemão do seu desinteresse pela instrução da maior parte dos portugueses! Nada de ter (continua na pág. 4)

(continua na pág. 2)

UNS SÃO FILHOS ... OUTROS ENTEADOS

A Marinha Mercante pertence aos mais ricos da nação, mesmo assim pede, e quase que exige, o amparo do governo de Salazar. Este, por sua vez, não regateia a dar-lhe o devido amparo através dos dinheiros do povo. Isto é, o camponês deixa de receber um auxílio que lhe era justíssimo para os seus próprios dinheiros ser orientados para servir de auxílio a quem já é tão rico: os donos das companhias marítimas.

Vejamos o que foi dito a quando da chamada discussão sobre o Plano Intercalar de Fomento pela boca do deputado comodoro H. Jorge: «As possibilidades da marinha mercante dependem da protecção governamental, pois não dispõe de recursos próprios para ir substituindo as suas unidades mercantes» (?) Depois de outras considerações sobre o importante problema observou que «devemos confiar que o governo o reveja no sentido de se conseguir que, por isenção de taxas ou financiamentos em condições especiais, actual tonelagem da frota nacional possa, pelo menos, ser man-

tida».

A resposta do governo salazarista a este pedido não se fez esperar e, assim, passado pouco tempo, podia ler-se na imprensa diária: «O governo atende sem demora o que foi pedido na discussão do chamado Plano Intercalar acerca da renovação da frota mercante nacional». «O ministro da marinha reuniu ontem de manhã no seu gabinete, os presidentes dos conselhos de administração das companhias de navegação, C. Açoreanos, Colonial, Insular, Nacional, Sociedade Geral e Saponaia, respectivamente, sr^{es} Visconde Botelho, dr. Soares da Fonseca, contra-almirante S. Rodrigues», etc. «Esta reunião é convocada por aquele membro do governo afim de tratar vários assuntos relativos à marinha mercante e à renovação das frotas, tendo já em vista o III Plano de Fomento para 1968-1973».

Camponeses! A marinha mercante, que pertence às famílias mais ricas, é apoiada com a máxima rapidez, não obstante serem ramos de negócio que dão lucros chorudos, devido às protecções que tem do governo na medida que este só a elas, companhias, autoriza que explorem o transporte marítimo do país.

Camponês! Como se verifica, para salvar a marinha mercante como

eles dizem, foi pedida a isenção de taxas! Este pedido corresponde a que se pedisse para que o agricultor não pagasse décimas dos seus campos para se aliviar um pouco da grave situação económica em que se encontra. Ora já alguém alguma vez pediu semelhante coisa? Não! Um pedido desses nunca foi feito por nenhum palrador da chamada Assembleia Nacional. Todavia, se formos comparar a situação económica dos donos da marinha mercante com a situação dos agricultores

(continua na pág. 3)

BOA RESPOSTA!

(continuação da pág. 1)

los tomou a palavra, teve a coragem de dizer ao sr. «ilustre» presidente, que não sabia como ir à pretar as suas afirmações. É que as reclamações que os produtores de milho têm feito ao governo, face aos preços baixíssimos desse produto, o governo tem vindo sempre com a afronta de que compram milho mais barato no estrangeiro. E asseverou: «neste caso, já não salem divisas para o estrangeiro!».

É só pena que ele não tivesse falado também na compra da batata fora do país e com a agravante de que, neste caso, não só saíam divisas para o estrangeiro como a própria batata foi paga muito mais cara do que o preço porque se vendia a nacional.

É isto que os salazaristas precisam de ouvir. Estes defendem o regime alienando-se de tal maneira a uma política de falência que chegaram a pontos de emborarem as suas inteligências. É certo que diversos interesses os levam a isto, além de uma insensibilidade por aquilo que se possa de mau à sua volta. É impossível que este sr. Dr. Adriano nãooubesse das 20.000 toneladas de milho importado ultimamente quando o mercado tinha milho e batata para o consumo. Se tivesse eu quisesse ter isto bem presente, não daria aquele género de resposta à louvável denúncia do lavrador sr. Carlos Lopes acerca da diferença de preços entre os adubos nacionais e os adubos estrangeiros.

Camponeses! É uma política de tas, manobras por interesses inconfessáveis que a temos sujeitos. O governo salazarista faz o que quer, mas compreende-se tudo isso facilmente; é que nas compras ao estrangeiro governa-se muito gente. Não é a saída do dinheiro que preocupa os fascistas mas sim os seus interesses especiais, quanto aos outros, os camponeses, que sofrem. É isto, amigos camponês, que temos que ver e apreciar.

Agricultores, exijamos adubos mais baratos! Não podemos consentir que a indústria dos adubos tenha lucros fabulosos ao fim de cada ano e nós lavradores, lutemos cada vez com mais dificuldades. Este problema, como aliás todos os outros que afectam a nossa pátria só terão solução quando o governo for derrubado e colocado no seu lugar um governo eleito pelo povo. Mas não devemos esperar pelo derrubamento desse governo para então lutarmos. Embora, na realidade, a melhoria da nossa situação só se verifique nessa altura, se lutarmos unidos e organizadamente, podemos, já hoje, errancar certas concessões a este governo da monopolistas e latifundiários. Para isso é necessário que agente se organize e que lute, pois só através da luta é que poderemos melhorar a nossa situação.

A QUEM VENDER O VINHO?

É chegada a altura dos trabalhos nas vinhas. Como podemos levá-los a cabo se não nos pagam o que nos devem e ainda nos roubam? Com 10 graus não dão os comerciantes mais de 25800 pelo almindre de 20 litros, mas depois o consumidor terá de o pagar quase pelo triplo! Se o entregamos à Junta Nacional de Vinho estamos dois ou três anos à espera que nos paguem. E o juro desse tempo quem o paga? Somos nós, evidentemente! Perante esta situação o que é que nos resta? Contrairmos mais empréstimos, feitos a altos juros, endividarmo-nos mais e mais até que, não suportando mais o fardo, vamos entregar, de mão beijada, as nossas terras, o produto do nosso suor e de toda a nossa família, aos nossos verdugos.

Amigo camponês vinicultor! Não creias em falsas promessas, que não te dão de comer nem aos teus. Lembra-te de que o governo salazarista fez por nós durante estes 40 anos. É tempo de dizermos: Não suporto mais roubos e injustiças. É tempo de reconhecermos que tudo o que o bando de salteadores ras-

cistas têm feito, e fará enquanto o não expulsarmos do covil, é roubar e explorar o pequeno em proveito do grande.

Junta-te aos teus colegas vinicultores e grita bem alto a tua revolta, pelo que o governo e seus lacaios têm feito de nós. Exige que os teus produtos sejam vendidos por um preço compensador, que nos sejam vendidos a preços mais baixos os artigos que necessitamos, que nos sejam reduzidos os impostos e contribuições. Mas temos que nos lembrar que dum governo fascista só pode vir miséria ao povo. É preciso, pois, derrubá-lo, expulsá-lo dum lugar que ocupa pela força e pela repressão, e pôr em seu lugar um governo que defenda os interesses do povo e por este escolhido.

É preciso, pois, unirmo-nos todos para poderemos levar avante esta imperiosa tarefa. Em frente amigos camponeses, na luta contra a ganância dos comerciantes e contra a exploração da Junta Nacional do Vinho. Em frente vinicultores contra o regime que explora, escraviza e humilha o nosso povo.

FALA UM AGRICULTOR DA BARRADA!

— Bom dia... amigo!
— Mau dia amigo, mau dia. Olhe que há tempos para cá é só chover, e se isto não acaba não sei onde vai parar. Cada vez há mais miséria.

— O amigo é agricultor?
— Sou e não sou. Tenho o meu pedaço de terra mas trabalho também por conta de outros.
— Então com este tempo abunda o trabalho?

— É verdade que abunda o trabalho, mas também é verdade que os «fiados» são muitos, e mal de mim se não tivesse o pedaço de terra onde tirar alguma coisa para comer. É mesmo assim, ao fim do mês não me vejo com dinheiro para pagar os materiais que levanto nos armazéns. Olhe, em toda a região da Barrada a situação é a mesma. Terras abandonadas, outras entregues às novas florestas, que é um dolo d'alma. Além disso ainda muita gente com fome.

— A quem culpa o amigo esta situação?

— O governo diz que muitos factores contribuem para esta crise, mas eu só culpo o governo, porque ele só serve estrangeiros e os homens do dinheiro.

Até agora era só o pequeno agricultor que estava arruinado, hoje são todos os que têm de viver da terra. Actualmente não se consegue viver e a única solução que vejo é o abandono das terras. Não há hoje na agricultura qualquer trabalho que compense os nossos esforços. É trabalhar para aquecer.

Vou dar-lhe alguns exemplos: A Junta Nacional de Vinhos é um organismo que pertence aos grandes armazénistas de vinhos. Nós vemos o nosso vinho ficar de um ano para o outro para que eles possam manear os preços à vontade. Somos obrigados a vender o vinho a 2\$00 o litro para que depois esse mesmo vinho seja vendido nas casas de pasto a 6 e 7\$00.

Os grémios da Lavoura também só defendem os interesses dos grandes lavradores. Veja o caso das batatas, do milho e do trigo. Também é do conhecimento geral os preços das sementes, dos adubos, insecticidas, fungicidas, etc., etc. O que leva a nossa agricultura, segundo ouvi dizer, para o último lugar da escala dos países da Europa Ocidental. Até dizem que os nossos métodos são primitivos.

— Onde arranjam vocês dinheiro para as sementes?

— No comércio e por vezes no grémio e na cooperativa o qual pagamos com juros de leão, o que nos leva a estar com a corda na garganta nos fins das colheitas.

— Mas porquê?
— Porque somos obrigados a vender os produtos mais depressa para podermos pagar as dívidas.

— Como pensa acabar com este estado de coisas no nosso país?

— Muita gente pensa que só um estoiro do governo poderia melhorar esta situação.

— Para o governo dar um estoiro como o amigo diz, e para que a vossa

situação melhor e não fique na mesma, seria bom que vocês, pequenos, médios agricultores e os rendeiros, se juntassem, e discutissem os vossos problemas.

Colaborando assim com o resto da população que luta contra o governo de Salazar, que é um governo de fome e miséria. Só a vossa luta, ou melhor, a nossa luta impedirá que continuemos a ser vítimas dum governo que destrói o nosso Povo e vende Portugal ao estrangeiro e que manda lutar a nossa juventude nas guerras coloniais.

— Eu também penso assim, e não só eu, porque cada vez se ouve mais gente a falar da mesma maneira. E que na verdade não há outra solução.

HÁ QUE OBRIGAR A JUNTA

(continuação da pág. 1)

de agudizar? Não é os produtores que compete solucionar o problema! Ou será que o governo que compete resolver os problemas da nação, parece-nos!

Os vinhateiros, como todos os contribuintes, não podem deixar de pagar dentro dos prazos legais as contribuições ao Estado, sob pena de relaxe e de procedimento judicial. Mas quem obriga a Junta a pagar os vinhos?

Os produtores têm que restituir o dinheiro do financiamento nos prazos estabelecidos, ainda que tenham de recorrer à usura, empenhando-se cada vez mais, ainda que tenham de vender (vender ao desbarato) aos grandes lavradores, aos usureiros, aos capitalistas, as pequenas parcelas que regaram com o suor de toda a família durante anos e anos (e com lágrimas até), trabalhando muitas vezes em condições insuportáveis horas da descanço.

O governo não resolve o problema, porque todo o dinheiro que Junta e mais o que consegue receber por empréstimos no estrangeiro em troca da história do País não lhe chega para fazer face ao servidouro que é as guerras coloniais, luxo que o povo português está pagando bem caro em vidas e recursos financeiros. O governo não resolve o problema porque lhe interessa acabar com os pequenos e os médios camponeses, concentrando cada vez mais a propriedade rústica nas mãos dos grandes agrários e dos capitalistas. O governo não resolve o problema, porque é o governo dos monopólios e dos latifundiários, orientando toda a sua política no sentido de os servir.

Sómente um governo que mereça a confiança do povo, porque livremente escolhido pelo povo, porque composto pelos seus melhores filhos, poderá resolver os problemas nacionais. Essa tarefa só a levará a prática um governo verdadeiramente democrático.

Entretanto, há que tomar medidas que contrariem o mais possível os desejos do fascismo. No caso concreto dos pagamentos em atraso e do escoamento do vinho da colheita de 1965, devem os pequenos e os médios viticultores concentrar-se em massa junto dos escritórios e dos armazéns da J.N.V., junta dos Grémios da Lavoura, reclamando a solução do problema. Devem concentrar-se nas Câmaras Municipais e nos Governos Civis.

Se os pequenos e os médios camponeses não lutarem, o problema agravar-se-á cada vez mais; dia a dia estarão mais empenhados; hoje um, amanhã outros, todos terão que vender as suas terras, as casas

mesmo onde habitam; e depois passarão a alugar, a brincar, a vender a sua força de trabalho, aos mesmos a quem se viram obrigados a vender os seus produtos. É isto o que o fascismo pretende. É isto o que convém aos grandes lavradores e capitalistas.

PEQUENOS E MÉDIOS VITICULTORES, HÁ QUE RECLAMAR O PAGAMENTO DOS VINHOS EM ATASO. HÁ QUE EXIGIR A SOLUÇÃO DO PROBLEMA DO ESCOAMENTO!

UNS SÃO FILHOS...

(continuação da pág. 2)

res veremos que há uma diferença abismal. Enquanto os primeiros são prodes de rico, possuindo palácios taustosos, carros luxuosos, etc., os camponeses vêm-se rodeados de dívidas, não obstante viverem uma vida sem qualquer conforto, em habitações ordinárias, com alimentação escassa, impossibilitados de dar instrução aos seus filhos, etc., etc. Como se verifica, a protecção do governo vai para os que não precisam. Mas isto tem uma explicação: é que os donos da marinha mercante também fazem parte do governo e, como tal, fazem o que querem.

Os camponeses, tal como os trabalhadores, são os servidores, os que foram condenados a tudo pagarem, a tudo sofrerem e não terem direito a nada.

Camponeses! Nada temos a esperar enquanto formos dominados por um governo que só defende e protege os grandes contra os pequenos. A nossa salvação está no derrubamento deste governo de arranjistas. Para isso, junta-te com o teu amigo, com o teu vizinho, com outro teu colega, para a acção, Unidos e organizados, contribuíremos, juntamente com outras forças que, por Portugal fora se vão levantando, para muito facilmente derrubarmos não só o governo de Salazar, como todo o Estado que ele faz parte: o Estado fascista, e os lauramos um Estado Democrático e Nacional.

LIBERDADE PARA OS ESTUDANTES!

Desde 1932 — ano da poderosa greve estudantil, ano das mais importantes acções populares de massas contra o fascismo! — que os estudantes portugueses estão em luta. Luta em defesa das suas associações, luta contra a descarria ingerência do fascismo nos assuntos estudantis, luta por uma re-ormação do Ensino que coloque a Universidade no serviço dos verdadeiros interesses nacionais.

A coragem e a tenacidade postas pelos estudantes na defesa dos seus direitos e na luta pelas suas reivindicações, tem contribuído largamente para o enfraquecimento da ditadura de Salazar, para a unidade e fortalecimento da Oposição e para o desmascaramento do fascismo no plano internacional. A luta estudantil, só possível nas condições criadas pelo ascenso da luta popular de massas contra o poder dos monopólios e latifundiários, está perfeitamente identificada com os interesses do povo português. Entre o povo e o fascismo, a esmagadora maioria

dos estudantes escolheu o povo. A repressão que desabou sobre a Universidade é bem o símbolo desta aliança indissolúvel.

O fascismo pretende fazer crer que a agitação universitária é obra de uma « escassa minoria subversiva » e que só contra ela é dirigida a repressão. A verdade é que se trata de uma luta interessando a grande maioria dos estudantes; uma luta que se tem concretizado em poderosas concentrações, dos estudantes; uma luta que derrubou já ministros e reitores (entre os quais o Reitor-polícia Paulo Cunha) e que impôs inúmeras conquistas progressivas; uma luta que custou, apenas nos últimos quatro anos, centenas e centenas de expulsões, prisões e condenações políticas. Uma luta jamais foi uma luta de minorias.

AUMENTA A REPRESSÃO!

Para vergar o movimento estudantil, o fascismo perante nada recua: expulsa, prende, tortura, enserra Associações de estudantes, domi-

na dirigentes académicos, impõe comissões administrativas. Cada ano que passa torna ainda mais descarada a agressão. Ainda no ano transacto foram presos perto de cem estudantes, e expulsos mais cerca de centena e meia, e já nova vaga o ensaio é lançado contra a Universidade. Em Lisboa e no Porto vários estudantes foram recentemente presos e novamente a brutalidade da polícia política, PIDE, produz vítimas. O caso de Antonieta Coelho, que a própria PIDE foi publicamente obrigada a reconhecer, é típico do tratamento a que muitos jovens têm sido sujeitos. Esta jovem foi hospitalizada de urgência em consequência das violências a que foi submetida.

À fúria assassina dos carrascos da PIDE, só a acção popular pode pôr um dique. A organização da luta contra a repressão aos estudantes portugueses é um dever imperioso de todos os patriotas.

Camponeses! Trabalhadores do campo! Patriotas!

Lutemos contra a repressão aos estudantes portugueses! Façamos tudo o que estiver ao nosso alcance para criar por toda a parte um ambiente de compreensão e apoio para com a luta estudantil! Dirijamos cartas e postais aos ministros do Interior e da Educação exigindo a libertação dos jovens presos e reclamando a satisfação das justas aspirações estudantis!

Essa é a melhor garantia de que esta nova onda de crimes não vergará os estudantes e de que a sua luta prosseguirá, ombro com ombro com as demais forças patrióticas, até à vitória final sobre o fascismo e à conquista da liberdade, da democracia e da Paz.

O ENSINO EM PORTUGAL

(continuação da pág. 1)

ilusões por qualquer coisa de com que possa deste governo. Durante o seu longo e trágico reinado tem provado bem aquilo que é capaz. Ele colocou a pois na posição do mais atrasado da Europa assim como o que mais fome pa, etc.

Agora vejamos o problema por outro lado. A maior parte dos camponeses e salarizados rurais não têm possibilidades para manter os seus filhos por mais dois anos na escola, isto é, sem trabalharem a seu lado, porque com essas idades, e até menos, já auxiliam muitos os seus pais nos lidos dos campos. Mas, pelo facto de não podermos manter os nossos filhos sem produzirem, é caso para reprovarmos tal medida, se, por acaso, se vier a concretizar? Não, colega camponês e amigo trabalhador! não se deve reprová-la de medida, mesmo que seja de fraca valor como tudo leva a crer. O que nós camponeses devemos fazer é alarmar-nos os trabalhadores rurais e, todos juntos exigirmos ainda mais instrução para os nossos filhos, e instrução mais séria... E para podermos fazer face ao agravamento da nossa situação económica, devido aos nossos filhos deixarem de nos ajudar, devemos, isso sim, exigir ao governo abonos mensais de garantia suficiente que destrua esse agravamento que vai surgir na nossa vida económica. Nós já não podemos suportar mais dívidas; se formos obrigados a continuar a fazê-las caminharemos cada vez mais rapidamente para a miséria e ruína.

Colega camponês e amigo trabalhador! Unidos exigimos do governo que pague termo às guerras em África. Elas são o sorvedouro dos dinheiros da nação. O dinheiro que lá se gasta deve ser orientado noutra sentida. Com esse dinheiro podemos construir em vez de se destruir; com esse dinheiro podemos fazer escolas e auxiliar a maior parte dos portugueses que,

hoje e já de há muito, vivem com mil dificuldades, devido à exploração que sofrem de todos os lados, principalmente os portugueses que habitam nos campos.

Camponês e trabalhador rural! Sabéis que com o dinheiro, que se gasta num só dia com a guerra em África, podiam-se construir centenas de escolas? E que com o mesmo dinheiro podéis receber por muito tempo abonos suficientes que cobriam os despesas que iréis ter quando os vossos filhos frequentarem mais as tais suas classes, caso isso venha a suceder? E fides bem presente que a guerra só traza destruição e que a instrução faz a riqueza e amor?

Perante tudo isto, organizemo-nos e unimo-nos para correremos com este governo que nos explora, que nos despoja e despreza, e que só nos sabe criar situações de miséria.

40 ANOS DE « ENGRANDECIMENTO » NACIONAL

A nós, jornal essencialmente virado para os problemas da lavoura do norte, interessa-nos verificar o « engrandecimento » da maior norteana e agrícola província do norte do país.

Assim transcrevemos a seguir, extractos duma notícia vinda a público recentemente e emanada de Lisboa:

« A custo conseguimos romper por entre a multidão que enchia as escadas da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro »

« Aqueles eram somente alguns representantes das 500 famílias totalizando mais de 1.500 pessoas que iam receber o bocado anualmente concedido... »

« ... O Padre Artur Monteiro Couto ... »

disse: Veja isto e escreva lá no seu jornal. São todos transmontanos e vieram para o cidade em busca duma vida melhor... »

« ... Pode escrever isto porque eu prova tudo quanto digo: as dormidas por turnos, os campos cobertos durante o dia para que não lhes chovia. Eu encontrei um homem que vivia numa capoeira. Eu falei com outro que se vestia com um sacco porque não tinha outra roupa »

Se os « slogans » do fascismo tivessem para nós algum valor, teriam a vontade de perguntar: mas porque se vestem eles com sacos? Mas porque vivem em capoeiras? Acaso não encontraram na sua província o tal « engrandecimento »? Nem na capital tão pouco?

7-1-67